

O PAPEL DO MERCADO NO ENSINO SUPERIOR

No âmbito internacional dos estudos sobre o ensino superior (ES), um dos temas mais ativos durante as últimas duas décadas é o papel dos mercados em nível global, regional, nacional e local. Como demonstra uma rápida revisão das publicações de corrente principal; a busca com os termos ‘higher+education+markets’ no Google Acadêmico, mostra ~4,8x10⁶ resultados. Em castelhano, no entanto, apenas aparecem ~20.000. O que mais é necessário para provar a irrefutável dominância idiomática neste campo?

Na literatura atual sobre este tópico destacam três abordagens. Em primeiro lugar está o estudo dos mercados como tal; sua implantação, funcionamento e dinamismos. Decisivos resultam aqui, a forma e grau em que operam as chamadas ‘liberdades de mercado’, especialmente do lado dos provedores, para determinar a oferta de oportunidades de estudo, criar e encerrar programas, decidir a organização curricular, fixar custos de matrícula, tarifas e taxas, e autogovernar-se no terreno da concorrência. Tópicos associados são, a transformação do ES em uma mercadoria; as imperfeições e falhas de estes mercados, especialmente assimetrias de informação, e o crescimento, sob a proteção dos mercados, da provisão privada, com e sem fins lucrativos. Além disso, o papel ambíguo que cumprem os rankings (típico dispositivo de mercado) no controle de qualidade, do nível local ao global.

Em segundo lugar, a análise de políticas associadas à implementação, aceleração, regulamentação e incluso desinstalação de mercados relevantes para o ES, vem se desenvolvendo de forma vigorosa. A questão regulatória, associada ao Estado avaliador e em geral ao estudo de políticas neoliberais ou pró-mercado, tem impulsionado uma completa renovação das investigações sobre governança dos sistemas. Atrás ficou a abordagem linear de um Estado administrador que limita o serviço público do ES à esfera dos comuns, descansando em um conjunto de provedores estatais coordenados por hierarquias e comandos. Pelo contrario, surge uma literatura sobre governança descentralizada que combina iniciativas e atores públicos e privados, e conduz ao sistema sob a modalidade de ensino a distância (*steering at a distance*). Em universidades estatais o fazem a través de dispositivos de quase-mercado e de instrumentos da nova gestão pública (*new public management*). Em instituições privadas, com ou sem fins lucrativos, atua a través das ferramentas do Estado, garante da qualidade, supervisor, fiscalizador e financiador da demanda estudantil.

Em terceiro lugar avançam estudos sobre a resposta das universidades às transformações do entorno geradas pelos mercados, no referente a instituição e organização. O esforço mais persistente nessa direção se expressa na teoria do capitalismo acadêmico. Afirma que em países industrializados do Norte, em particular do bloco anglo-saxão, as universidades públicas de investigação devem adaptar sua governança, organização, funcionamento e comportamentos de seus diretos, acadêmicos e estudantes ao imperativo de minimizar a queda das receitas públicas mediante a geração de renda própria. Sob essa mesma pressão o régimen tradicional de conhecimento e aprendizagem de caráter público seria substituído por um régimen capitalista acadêmico, voltado para os mercados. Outros adotam uma perspectiva de mundialização ou globalização dos mercados e estendem essa abordagem aos outros países centrais com uma visão de capitalismo acadêmico transnacional ou então de uma variedade ou variação do capitalismo acadêmico. Mais recentemente estes enfoques começam a alcançar a periferia, onde se utilizam com fins descritivos, explicativos ou de crítica ideológica de processos de mercadização e mercantilização da provisão e de neoliberalização de políticas nacionais.

Além disso há outros fenômenos em curso que formam parte de esta verdadeira mudança de cenário: importância da empregabilidade dos formandos, surgimento de uma indústria global do ES com novos tipos de provedores, sujeição do setor às regras do Acordo Geral sobre o Comercio de Serviço (AGCS), monitoramento e medição da produção científica por empresas como Clarivate (WoS), Elsevier (Scopus) e outras que impulsionam métricas alternativas baseadas em redes sociais de conteúdo acadêmico.

Tudo isto confirma que as transformações causadas pelos mercados e seu incessante desenvolvimento estão redefinindo o comportamento das universidades e abrindo novos territórios para a investigação do ES. América Latina aparece como um laboratório social para o estudo de estas mudanças.

JOSÉ JOAQUIN BRUNET
Universidad Diego Portales, Chile

LILIANA PEDRAJA-REJAS,
Universidad de Tarapacá, Chile